

## **Representação racial no cinema brasileiro: As Chanchadas, o corpo negro e o embranquecimento como projeto de nação<sup>1</sup>**

Rafael Francisco de Paula<sup>2</sup>  
Universidade Estadual Paulista - UNESP.

### **RESUMO**

Este trabalho visa compreender como as Chanchadas, gênero cinematográfico brasileiro desenvolvido entre os anos 30 e 60, retratavam e fortaleciam estas mesmas relações de dominação, bem como incorporavam a cultura afro brasileira ao protagonismo branco e normalizava a subserviência do negro, construindo uma ordem hierárquica destas relações. Para tal, como corpus de análise foi escolhida a obra *A Dupla do Barulho* (1953), protagonizada por Oscarito e Grande Otelo, observando a relação, enredo e trama dos personagens vividos, além do tratamento recebido pelos próprios atores, como uma alegoria para a situação do negro no Brasil da época.

**PALAVRAS-CHAVE:** Chanchadas; Racismo; Cinema; Análise Do Discurso; Democracia Racial

### **CORPO DO TEXTO**

O objetivo deste trabalho é realizar uma correlação entre os ideais de embranquecimento e submissão racial, que imperava no Brasil nas primeiras décadas do século XX - e que, ainda hoje, estão presentes na sociedade brasileira - com o retrato de corpos negros dentro do cinema, mais necessariamente, na obra “*A Dupla do Barulho*” (1953) e nas Chanchadas. Para isso, objetivamos realizar uma pesquisa sócio-histórica, remontando aos primórdios dos pensamentos eugenistas brasileiros, bem como a criação do mito da chamada democracia racial.

Historicamente, o cinema brasileiro possui um perfil bem definido. Ele é feito por homens brancos e de classe média alta (SENNÁ, 1979). Esta característica de produção impactou diretamente a produção cinematográfica nacional. Em resumo, ela não possui como característica a observância de retratos fiéis de grupos marginalizados. Isso se aplica diretamente aos negros. Segundo dados levantados pelo Instituto Nicho 54

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação antirracista, pensamento afrodiaspórico e interseccionalidades, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da UNESP, Câmpus de Bauru. E-mail: rafael.paula@unesp.br.

e divulgados pelo site Terra, entre 1940 e 2022, foram lançadas 1086 obras, entre curtas, médias e longas metragens, dirigidos por pessoas negras no Brasil, sendo que 83% delas foram realizadas posteriormente a 2010. Ainda segundo o instituto, o número representa 3% dos filmes nacionais lançados comercialmente. Este abismo destaca o papel acessório do negro dentro do cinema nacional, um reflexo das condições sociais do negro, notoriamente marginalizado dentro da história brasileira.

A situação atual é reflexo direto da formação do Brasil como nação. Na época da chegada do cinema no país, nas primeiras décadas do século XX, o cenário social era de uma recente pós escravatura, onde o negro havia se tornado um “problema” para os ideais das elites da época. Visando um pensamento de modernização, os antigos escravizados eram vistos como um agente de atraso para o país. É inventado, então, o chamado “mito negro” (SOUZA, 2021), que diminuía a figura dos pretos e pardos a bestialidade, retirando dos mesmos os traços de humanidade, reservadas aos brancos europeus. Qualidades como resistência física, sexualidade apurada, sensibilidade, entre outros atributos mais “primitivos” eram atribuídas as populações não brancas, da mesma forma, o europeu significa o aprimoramento da cultura e da sociedade. Neste ponto, compreendemos como o cinema, arte de vanguarda, era algo extremamente distante do mundo não branco.

Graças a esta mentalidade, as primeiras produções filmicas brasileiras, basicamente, escondiam o negro. No chamado “período silencioso” (CARVALHO, 2003), os corpos negros não eram retratados. Nas raras vezes que apareciam, era de forma tímida, no fundo da imagem. Aos olhos de quem assistia, o Brasil era um país branco. Este fenômeno obedecia bem ao pensamento eugenista da época, que buscava a erradicação do negro e a transformação do Brasil em uma nação aos moldes das européias (KEHL, 1929; VIANA, 1923). Esta situação só vai mudar nos anos 30. No cinema, os filmes falados abriram um leque de possibilidades para os cineastas. Socialmente, começou-se a pensar no Brasil como uma nação multirracial. Neste contexto surgiram as Chanchadas.

As Chanchadas foram comédias musicais fortemente ligadas ao carnaval e ao samba. Segundo as pesquisadoras Lisa Shaw e Stephanie Dennison (2007), o gênero foi tão importante a ponto de ambas considerá-lo o único genuinamente brasileiro. Este apontamento mostra como as Chanchadas estavam intrinsecamente ligadas à cultura

nacional. Para Gonçalves (2011, p.155), “A chanchada, de um modo geral e, em especial, a produzida na Atlântida, se distingue por sua característica de cinema eminentemente popular”. Assim, negro brasileiro começou a ser representado em sua plenitude nos cinemas. A questão que nos interessa neste trabalho é a forma como era representado.

Por seu aspecto carnavalesco, as Chanchadas estavam ligadas à cultura negra. O próprio carnaval, o samba e as marchinhas que desfilavam nas telas eram, essencialmente, fruto da população não-branca brasileira. No entanto, o que percebemos no gênero é um esforço em manter certas relações raciais. O negro era destacado, mas sempre sob o protagonismo branco e embaixo de uma aura de subalternidade.

Objeto de nossa análise, o filme “A Dupla do Barulho” (1953) é exemplo deste fenômeno. Protagonizado pela dupla Oscarito (branco) e Grande Otelo (negro), a obra retrata um grupo de teatro que tem como atração principal Tônico e Tião. Quando Tião (Grande Otelo) se incomoda em ser escada para Tônico (Oscarito), ele abandona o grupo. Em carreira solo, ele se afunda em vícios enquanto o ex-companheiro alcança o estrelato. No fim, Tônico benevolmente aceita Tião de volta e ambos retornam ao grupo.

A mensagem do filme é bastante clara. Apesar de talentoso, Tião era refém de sua própria natureza indolente e precisava da mão do amigo branco para guiá-lo e mantê-lo “na linha”. Da mesma forma, cabia a elite branca guiar o negro que, em troca, deveria aceitar sua subserviência. Assim, o objetivo do trabalho é realizar uma correlação entre a obra e a realidade social brasileira do período, bem como verificar como estes pontos ainda refletem na sociedade atual.

Para a realização da pesquisa, foi utilizado como metodologia a Análise do Discurso Crítica (ADC), com base nos trabalhos do linguista britânico Norman Fairclough (2016). A escolha do método de análise se deu por conta do aspecto multifacetado da ADC, que consegue realizar a verificação dos aspectos discursivos de determinado texto dentro de um contexto social. Segundo Charaudeau e Maingueneau (2004), “a análise crítica do discurso visa estudar para fazê-las evoluir - as formas de poder que se estabelecem, por meio do discurso entre os sexos, as raças e as classes sociais”. O que notamos no estudo da ADC é uma preocupação de verificar o discurso como mais que um recorte linguístico, mas um fenômeno social.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Noel dos Santos. **O negro no cinema brasileiro: o período silencioso**. A Plural: Revista de Ciências Sociais, v. 10, p. 155-179, jan. 2003. Disponível em: <[revistas.usp.br/plural/article/view/68073/70642](http://revistas.usp.br/plural/article/view/68073/70642)>. Acesso em 12/04/2022.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UNB, 2ª Edição, 2016.

GONÇALVES, Maurício Reinaldo. **Cinema e identidade nacional no Brasil : 1898-1969**. São Paulo: LCTE, 2011.

KEHL, Renato. **Lições de eugenia**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1929.

SENNA, Orlando. **Preto e branco ou colorido: o negro e o Cinema Brasileiro**. São Paulo, Revista de Cultura Vozes, nº 3. 1979.

SHAW, Lisa; DENNISON, Stephanie. **Brazilian National Cinema**. Londres: Routledge, 2007.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

VIANA, Oliveira. **Evolução do povo brasileiro**. São Paulo: Monteiro Lobato, 1923.